



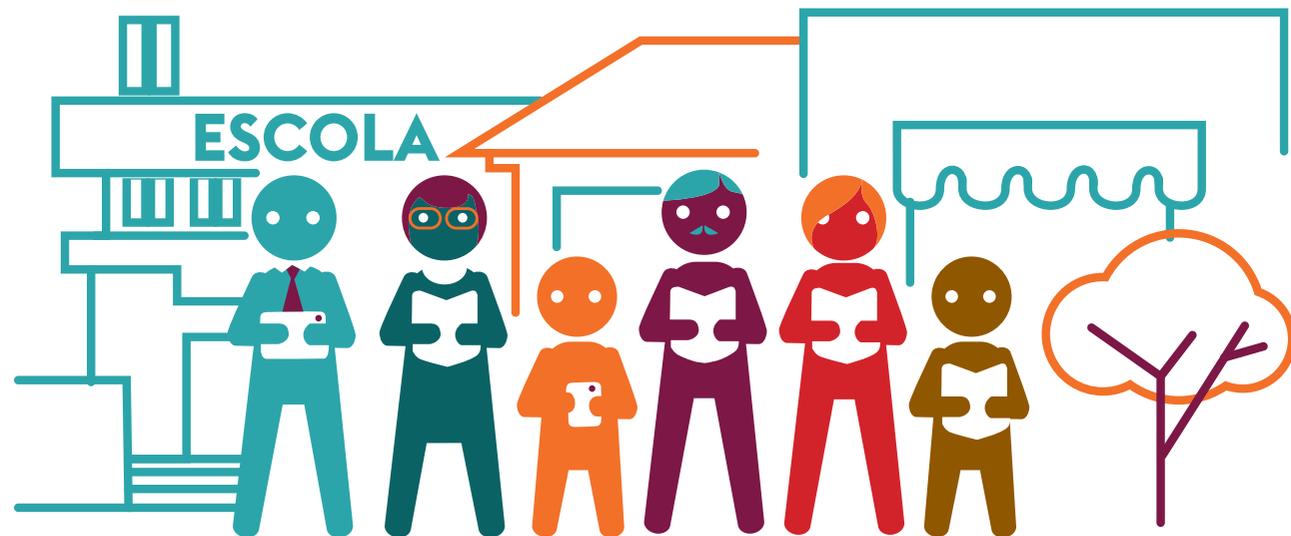
Comunidade de Aprendizagem

sonhando com uma escola nova



*Tertúlia literária
na Escola Municipal
Epitácio Pessoa,
no Rio de Janeiro*

FOTO: THELMA VIDALES



Outra escola é possível

Conheça a chamada Comunidade de Aprendizagem, uma proposta científica para o sucesso da escola

POR CINTHIA RODRIGUES

Em 1978, as ideias do pedagogo brasileiro Paulo Freire foram a inspiração do sociólogo espanhol Ramón Flecha para conduzir a escola de educação para adultos La Verneda-Sant Martí, em Barcelona. O sucesso na aprendizagem e envolvimento da comunidade tornou a instituição referência internacional prestigiada por publicações como a Harvard Educational Review. Depois de mais de três décadas de desenvolvimento, o projeto nascido ali faz agora o caminho inverso e traz para o Brasil as Comunidades de Aprendizagem.

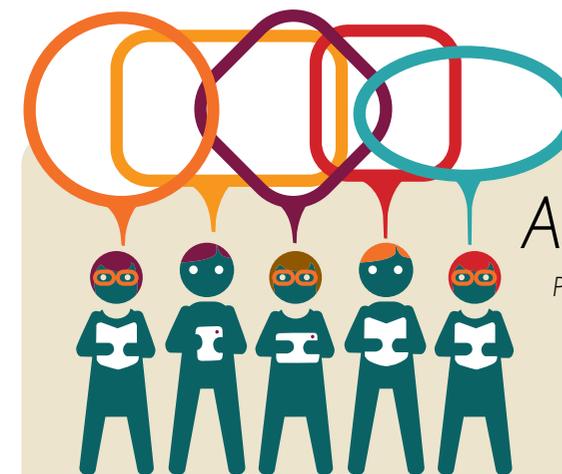
A partir de 1995, escolas regulares da Espanha começaram a adotar o modelo. Nos últimos sete anos, as ações educativas foram confirmadas como exitosas em qualquer contexto social por estudo da Comissão Europeia com mais de 100 pesquisadores em 14 países, o Includ-Ed (Estratégias para Inclusão e Coesão Social na Europa pela Educação, em inglês). Atualmente há cerca de 150 Comunidades de Aprendizagem.

A base teórica é a aprendizagem dialógica, que busca superar a desigualdade social por meio do diálogo igualitário, e a execução se dá com a participação real das famílias em todos os seto-

res e decisões da escola. O conceito é estudado permanentemente pelo Centro Especial de Investigação em Teorias e Práticas Superadoras da Desigualdade da Universidade de Barcelona (Crea), que chegou a uma fórmula detalhada de como transformar uma escola em Comunidade de Aprendizagem e de quais “atuções educativas de êxito” melhoram a aprendizagem e o convívio (veja na pág. 25).

A diretora do Crea, Marta Soler Gallart, aponta a participação das famílias como “condição indispensável” para o projeto. “Para conseguir isso, se promove o diálogo igualitário, em que as vozes de professores, alunos, pais e comunidade são ouvidas e avaliadas conforme a validade dos argumentos independentemente de hierarquia, posição social ou nível acadêmico.”

A primeira brasileira a estudar as Comunidades de Aprendizagem foi a professora da Universidade Federal de São Carlos (Ufscar), Roseli Mello. “Em 1999 eu me coloquei um desafio de buscar saída acadêmica para o impasse entre pais e docentes ou desistir da carreira. Achava irresponsável mantermos as pesquisas diante da impraticabilidade nas escolas”, conta.



As fases de transformação

Para que uma escola se torne Comunidade de Aprendizagem há etapas obrigatórias e bem definidas que devem ser vividas:

1 Sensibilização

Escolas interessadas recebem uma formação nas bases científicas do projeto com duração de 30 horas. Todos os professores, gestores e membros do conselho devem participar e a presença dos pais e da comunidade do entorno é desejável. O curso explica o conceito de aprendizagem dialógica ao mesmo tempo em que convida a refletir sobre as práticas atuais e apresenta as atuações de êxito e seus resultados pelo mundo.



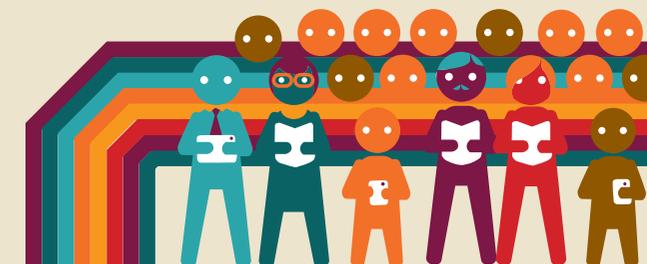
2 Tomada de decisão

É quando se toma a decisão definitiva: a escola vai se transformar em uma Comunidade de Aprendizagem. Uma decisão que exige diálogo constante com toda a comunidade envolvida, consenso e o compromisso de todos.



3 Sonho

Todos são convidados a sonhar com a melhor escola possível e compartilhar seus desejos. Cada escola usa sua criatividade para que os sonhos sejam conhecidos, de urnas para depósitos de sonhos a cartazes nos muros. Além de servir como base para os próximos passos, esta fase produz encantamento em todos ao descobrir que compartilham desejos de alto nível.



4 Seleção de prioridades

Uma comissão de familiares, docentes e alunos fica responsável por organizar os sonhos por categorias, como aprendizagem e convivência. Depois serão relacionados os desejos que mais se repetem e confrontados com a realidade da escola para chegar aos mais urgentes e aos mais relevantes.

5 Planejamento

De forma democrática formam-se uma comissão gestora e comissões mistas, sempre com membros de toda a comunidade, para cada área em que a escola precisa trabalhar em busca de melhorias. A partir daí, cada grupo vai ao cardápio de atuações de êxito, seleciona aquelas que melhor servirão aos objetivos e organiza formas de implementá-las





Participação de instrutores, voluntários e pais em atividades como os grupos interativos incentiva os alunos e os compromete com a condução dos próprios estudos

Atuações Educativas de Êxito

Os estudos que amparam a Comunidade de Aprendizagem chegaram a sete práticas que demonstraram, cada uma, garantir maior desempenho acadêmico e melhora na convivência em escolas inseridas em qualquer contexto. São elas:

Participação educativa da comunidade

A participação de familiares e demais voluntários se dá em todas as atividades de aprendizagem da escola. A cada passo a comunidade deve ser chamada não apenas para receber informações, mas para analisar os problemas e avaliar as medidas que estão sendo tomadas rumo aos sonhos propostos na formação. Para isso, é preciso garantir o papel destas pessoas como integrantes das diversas comissões e nas atuações educativas de êxito.

Tertúlias dialógicas

São também base de várias atividades na Comunidade. As mais comuns são as literárias que lembram um clube do livro, mas também pode haver tertúlias em torno de outros tipos de obras de arte. É essencial que seja escolhido um grande clássico universal. O objeto de estudo é apresentado a todos e cada um seleciona um trecho ou faz uma reflexão sobre ele para comentar. Um mediador zela pelo respeito à vez e à opinião. Em seguida, debates são realizados em torno das observações levantadas. Dessa forma, o conhecimento é construído coletivamente e com grande significado para os alunos, que fizeram a leitura a partir de suas referências. Ao mesmo tempo há uma democratização do acesso à mais alta cultura universal.

Grupos interativos

O professor reúne os alunos em grupos de cinco ou seis da forma mais heterogênea possível, principalmente em relação a dificuldades e níveis de aprendizagem, mas também levando em conta cultura, gênero e motivação. Atividades sobre um tema já exposto em aula são distribuídas. Cada uma demanda entre 15 e 20 minutos, e, terminado o tempo, os grupos começam outro desafio. Os grupos são supervisionados por adultos, ou seja, além do docente, será preciso que familiares, voluntários e outros funcionários participem. Eles não precisam ensinar, apenas encorajar a participação de todos e a ajuda mútua na busca de soluções.

Biblioteca tutorada

Baseia-se no fato de que maior exposição ao conhecimento é um fator importante no aumento da aprendizagem. Logo, pretende fazer da biblioteca – ou de algum espaço de leitura – um local o mais aberto possível ao público e com atividades convidativas. Para isso, uma comissão mista recruta voluntários da comunidade que possam ficar no local e organiza horários de atendimento. Entre as atividades propostas estão leituras dialógicas com agrupamentos de turmas diferentes, grupos de estudo de determinado tema e pesquisas para projetos. A atuação também serve para convidar alunos com dificuldades e colegas voluntários com bom desempenho a estudarem de forma solidária.

Formação de familiares

Mais do que a escolaridade alcançada, interfere nos resultados acadêmicos dos filhos o fato de os pais estarem estudando. A escola oferece espaços e programas de formação, mas são os próprios pais que decidem (normalmente por meio de uma comissão mista) o quê, como e quando desejam aprender.

Formação pedagógica dialógica

Entende-se que a prática dos docentes também deve se pautar pelo que há de mais avançado na pedagogia. Para evitar que opiniões sejam tomadas como conhecimento, ou práticas isoladas vistas como caminhos para o sucesso, a formação de professores adota as tertúlias pedagógicas dialógicas com os maiores autores em cada assunto, apropriando-se do conhecimento em conjunto.

Prevenção e resolução de conflitos

Fomenta-se a resolução de conflitos pela participação de todos, pelo diálogo igualitário, pelo consenso e pela construção conjunta de normas de convivência e procedimentos a serem seguidos no caso de descumprimento, com participação igualitária de todos. Chega-se a um consenso referendado por alunos, professores e familiares.

Quando conheceu o projeto ela diz ter se enchido de esperança, mas no ano seguinte, após ler um texto entregue em mãos pelo próprio Flecha, já então catedrático da Universidade de Barcelona, desistiu. “Eu conhecia a realidade brasileira, sabia das dificuldades dos professores de atraírem pais e achei que não funcionaria”, lembra. Convidada a fazer o pós-doutorado no Crea, ela aceitou e descobriu que as supostas barreiras eram iguais no mundo todo. “A transformação ocorria, os pais passavam a integrar a escola e a aprendizagem melhorava”, afirma.

Em 2002, ela criou na Ufscar o Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa, Niase, parceiro direto do Crea e no ano seguinte implantou a primeira Comunidade de Aprendizagem do Brasil, em São Carlos. Hoje duas instituições da cidade funcionam com o modelo.

Depoimentos de educadores de unidades na Espanha são marcados pela mesma surpresa positiva. “Durante a transformação todos imaginamos em voz alta a escola que queríamos. Descobrimos que famílias de analfabetos funcionais tinham altas expectativas e queriam mais contato com professores, enquanto nós reclamávamos que os pais não se interessavam”, diz

Núria Marín, diretora da escola Mare de Déu del Montserrat, em Barcelona. Já os alunos parecem achar as dinâmicas que envolvem participação de pais e voluntários natural. “Em uma sala de 25 crianças, a professora tem que atender uma por uma, enquanto nos grupos interativos, com a ajuda de voluntários, somos em seis e nos entendemos uns com os outros”, conta Ania Ballesteros, da mesma escola, que aos 10 anos fez parte da apresentação final do Includ-Ed na Comissão Europeia em Bruxelas, em 2011.

Neste ano, o projeto chega a escolas públicas do Rio de Janeiro com apoio técnico do Instituto Natura, que nasceu em 2010 com o intuito de criar condições para todos os cidadãos formarem uma Comunidade de Aprendizagem. “adotamos esta proposta porque seu foco está na aprendizagem dos alunos e na melhora dos resultados acadêmicos.” afirma a gerente do projeto, Carolina Briso. Em 2014, o projeto se expandirá para os cinco países de América Latina em que a Natura está presente.

COM ACESSORIA DO INSTITUTO, ALGUMAS ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL CARIOCA COMEÇARAM A PASSAR PELO PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO. CARTA NA ESCOLA CONTARÁ A HISTÓRIA DESTAS INSTITUIÇÕES NAS PRÓXIMAS EDIÇÕES.